

ACÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DE 2007



*Podem cortar todas as flores
Que nunca serão donos da Primavera*

Pablo Neruda, Canto Geral

Republica da Guiné-Bissau

Relatório de Actividades da AD

Ano de 2007

A

O CONTEXTO POLITICO

O ano de 2007 fica claramente marcado por uma má campanha agrícola, caracterizada por um começo tardio da época das chuvas e a sua interrupção brusca no final.

Embora todo o país tenha sofrido as consequências desta situação, ela foi muito marcante na zona litoral norte e ao longo de toda a linha da fronteira com o Senegal, nos sectores de S.Domingos e Bigene, onde por norma a queda pluviométrica é mais reduzida. Na pene-planície de Varela, as bolanhas entre Sucudjaque e Djufunco viram as suas produções de arroz drasticamente reduzidas e em muitas situações as colheitas foram nulas. Como que de imediato, sobreveio a fome e os jovens iniciaram uma migração para os países vizinhos (Senegal e Gambia) e Bissau. A fome, ou se quisermos ser mais precisos o forte défice alimentar que daí resultou, veio trazer à ordem do dia a discussão sobre o contexto político global da segurança alimentar na Guiné-Bissau e a nível internacional.

Em meados dos anos 80, o Banco Mundial (BM) e o FMI, impuseram ao nosso país o chamado ajustamento estrutural e a liberalização económica selvagem: *manda o mercado, dono e senhor do crescimento, que tudo regula e tudo dirige. Para quê pensar no aumento da produção de arroz e outras culturas alimentares na Guiné-Bissau, se é preferível apostar na exportação de castanha de caju e com a receita comprar arroz muito mais barato que o produzido localmente.* Diziam eles, sem nunca o provarem.

Os técnicos e quadros que então discordaram e se opuseram, foram rapidamente apelidados de “*profetas da catástrofe*” pelos compadrios internos destas políticas. Nada como a memória para os mais esquecidos, *pabia di amanhã.* A Guiné-Bissau virou de repente um cajual à beira mar plantado e o caju entrou na máxima força nos sistemas familiares de segurança alimentar. Ao mesmo tempo que a área ocupada com caju ia crescendo exponencialmente, as superfícies dedicadas às culturas alimentares iam diminuindo. Qualquer agricultor prefere substituir uma cultura que lhe exige muito maior esforço físico e cujas produções estão dependentes de factores incontrolláveis como as chuvas e as pragas, por um pomar em que os próprios frutos nem sequer necessitam de ser colhidos nas árvores, bastando enviar as crianças fazer a recolha no chão. É bom enquanto dá, mas quando o preço vem por aí abaixo é impossível transformar o caju em *bianda*.

Quando a política comercial é liberal, arriscamo-nos a colocar em concorrência os nossos produtos agrícolas a preços reais com os que vêm do exterior, devidamente subvencionados e a medir forças com quem tem capacidade de fazer *dumping* para conquistar mercados. Por isso não é de estranhar ver-se a maçã Golden a ser vendida habitualmente na jangada de São Vicente, ou a importar-se farinha de trigo, quando com a farinha de mandioca se pode fazer igualmente pão. Será que com este tipo de *incentivos*, os nossos fruticultores e agricultores se sentirão encorajados a produzir mais? É preciso que os nossos decisores procurem conhecer mais a micro-economia, compreender a vitalidade e dinamismo do sector informal, acompanhar mais de perto as preocupações sociais daqueles que podem garantir a segurança alimentar e não se esquecerem que a fome está na origem de muitas convulsões sociais representando uma autêntica arma de destruição massiva.

Hoje assiste-se à emigração descontrolada daqueles que são as principais vítimas das decisões e escolhas macroeconómicas e de um desajustamento estrutural: os jovens. Com o futuro comprometido, sem esperança e a viverem no limiar da fome, refugiam-se na miragem idílica de uma Europa acolhedora, progressista onde poderão ter uma vida digna e condigna. Emigram por necessidade e não porque sejam criminosos ou delinquentes. Se o fazem de forma “ilegal” é porque a História lhes ensina que, antes deles, muitos outros povos europeus emigraram da mesma forma para os Estados Unidos da América, para a Venezuela, para a África e até mesmo para França. Para não falar dos tempos da pirataria dos recursos naturais e da escravatura, em que a Europa chegava a África igualmente de forma “ilegal”, dizendo vir “dar novos mundos ao mundo” e “evangelizar e civilizar os indígenas”.

O que ontem pelos vistos era legal, hoje deixou de o ser...

Ironia suprema, é ver a forma rápida e prestimosa com que alguns se prestam a fazer serviços de repressão aos “clandestinos”, a troco de campos fortificados em Varela e doações financeiras de vergonha, recusando seguir a posição do presidente argelino Abdelaziz Bouteflika quando afirma: “*recusamos construir estes campos porque nunca seremos os estranguladores dos nossos irmãos*”. Mais grave ainda é quando alguns membros da sociedade civil embarcam nestes combates que não são nossos e denunciam a localização dos refugiados, apelando às autoridades policiais para a sua prisão e deportação. Reprimem-se os emigrantes e não os que transformaram a emigração num negócio em que as vítimas são exploradas duas vezes.

Infelizmente, tudo parece conjugar-se para que em 2008 a Guiné-Bissau assista a uma tensão social de origem alimentar, vítima das opções globais de certas multinacionais que fazem da fome negócio e dos seus próprios erros e opções internas.

Os factores internos que estão na sua origem, prendem-se com aspectos de ordem *climática*, atrás referidos, em particular a diminuição da precipitação nos últimos 30 anos e o muito mau ano orizícola de 2007, de origem *económica* com a omnipresença do caju como cultura de substituição do arroz e a queda do seu preço a nível internacional, de ordem *social* com o êxodo rápido dos

jovens do campo para a cidade, a deterioração drástica do poder de compra das famílias, a desintegração de núcleos familiares e a redução da solidariedade nos centros urbanos. A estes devem-se acrescentar os de ordem *urbanística*, em especial a rápida diminuição dos campos agrícolas e hortícolas na cintura de Bissau, para darem lugar à construção massiva de alojamentos, os de ordem *agronómica* com o desaparecimento de boas variedades saídas da pesquisa agrícola e do desaparecimento das redes de agricultores produtores de sementes e, finalmente, de ordem *política* com a falta de uma visão estratégica clara para a segurança alimentar, que vá para além da repetição de banalidades e lugares comuns por parte dos decisores.

Já em termos de factores externos, há a considerar que para certas multinacionais do ramo especializadas na venda de agroquímicos e sementes de transgénicos, a fome tornou-se um negócio muito lucrativo, ao qual se associam comerciantes que vivem da especulação dos mercados.

É preocupante ver organizações internacionais como as Nações Unidas, BM e FMI desenterrar velhas políticas como a Revolução Verde, de tão má memória para os pequenos agricultores africanos, e apostar numa “*nova agricultura ao serviço do desenvolvimento*”, em que os pequenos agricultores devem modernizar-se utilizando novas tecnologias para se integrarem no mercado internacional liberalizado, sob pena de se excluírem da actividade agrícola e serem obrigados a orientarem-se para empregos não-agrícolas ou emigrarem para os centros urbanos. Persiste-se em medidas economicistas em vez de se propor uma visão da questão mais social, cultural e ambiental, preparando-se a nova moda dos “planos de acção” que nos irão submergir a todos, em vez de se afinarem e concertarem as políticas dos diferentes actores, públicos, comunitários e privados.

Na moda estarão agriculturas baseadas em produções de elevado valor acrescentado, em que já se fazem anunciar o uso de alimentos para *biocombustível*, um autêntico paradoxo no nosso país, isto para não considerar um verdadeiro crime contra a humanidade. Mais uma vez os nossos países a resolver as preocupações da alta de preços de energia nos mercados do norte.

Seria interessante analisar em que áreas e sectores, organizações como o PNUD, o BM e o FMI investiram nos últimos 20 anos na Guiné-Bissau e quais os resultados obtidos. Verificou-se um brutal desinvestimento na agricultura com a produção alimentar a ser inserida numa lógica de mercado, a desvalorização do papel fundamental das pequenas unidades familiares agrícolas na segurança alimentar e o abandono total dos programas de pesquisa agrícola, base da inovação e avanço da agricultura alimentar.

A todos estes desafios, impõe-se que a nível nacional se procure uma resposta baseada numa *agenda própria* que não seja subserviente às políticas dos grandes doadores internacionais, aproveitando-se este momento para se proceder a uma reflexão interna e revisão de políticas, não nos esquecendo que se o colonialismo durou 500 anos foi porque contou com conivências e beneficiários internos, tudo indicando que com a fome, assim voltará a ser enquanto os recursos naturais (petróleo, fosfatos e bauxite) só servirem interesses individuais.

B

ASPECTOS MAIS RELEVANTES DE 2007

O ano de 2007 ficou marcado essencialmente por três aspectos relevantes:

1. Luta contra o défice alimentar no Norte do país

Independentemente das modas passageiras de ocasião, fossem elas planeamento familiar, conservação ambiental, boa governação, gestão durável dos recursos naturais, objectivos do milénio, etc., a AD manteve coerentemente ao longo dos seus 16 anos, a sua grande prioridade na luta contra a fome e na contribuição para a criação de condições de uma soberania alimentar na Guiné-Bissau, baseada em:

» Influenciar a *política agrícola nacional*, em especial na sua vertente de segurança alimentar, intervindo a nível de redes e plataformas de ONG, associações locais intervindo neste domínio e junto das delegações locais do Ministério de Agricultura nas zonas de intervenção da AD, contribuindo desta forma para as decisões políticas;

» Criar sinergias com outras ONG nacionais e estrangeiras para o *combate às políticas que defendam a livre entrada de alimentos* nos países do terceiro mundo, protagonizada principalmente pela OMC e que põem em causa a soberania alimentar na Guiné-Bissau;

» Promover uma *concertação sub regional* com ONG dos países vizinhos e associações de base, para a defesa da soberania alimentar e a apresentação de propostas concretas alternativas ao actual estado da situação alimentar, que inclua o estabelecimento de acordos comerciais entre associações e comunidades dos diferentes países e a promoção de “*lumis*”, entre outras.

» Contribuir para a definição, a nível de cada sector geográfico de intervenção, dos *produtos estratégicos* que servirão de motor e dinamizarão os processos locais de desenvolvimento social, cultural e económico, em que a AD será chamada a desempenhar uma acção de pesquisa, concepção, execução e assistência técnica para a segurança alimentar local.

» Promover a *diversificação de culturas* agrícolas, como a resposta às irregularidades climáticas e à preponderância da cultura de arroz, em função das condições edafo-climáticas, hábitos alimentares e carências nutricionais prevaletentes, incluindo a criação e reforço de uma rede de agricultores produtores de sementes, plantas e propágulos.

» Apostar na criação de *iniciativas geradores de receitas* a nível da comunidade, das associações e individuais que permitam melhorar as condições financeiras das unidades familiares e do seu acesso a bens alimentares, assim como a promoção da introdução de novas tecnologias de transformação (mandioca, arroz, milho, óleo de palma, peixe e sal) que facilitem o trabalho das mulheres assegurando melhores rendimentos.

» Promover a utilização racional e correcta dos *recursos naturais* florestais e haliêuticos por forma a beneficiarem as comunidades locais e reforçarem os sistemas tradicionais de protecção e conservação da natureza.

Em termos de acções concretas, há duas estratégias de luta contra a fome que a AD implantou nos sectores de S.Domingos e Bigene. No sector de Bigene (eixo Barro-Ingóré) a prioridade vai para o reaproveitamento de antigas bolanhas de água salgada que foram abandonadas há muitos anos, mas que dispõem de um potencial de produção interessante. O fecho dos rios e a construção de grandes diques de cintura que servem simultaneamente para impedir a entrada de água salgada e de vias de acesso e comunicação entre tabancas, sendo um trabalho de grande exigência física, obriga a uma entreajuda entre todos os membros das comunidades beneficiadas.



Construção de uma barragem anti-sal com forte mobilização popular

Centenas de homens e mulheres participam nesta actividade, organizando-se em grupos de trabalho diferenciados, dividindo entre si as tarefas de corte e transporte de tarrafe para fechar os rios, a movimentação de solo (argila) para a compactação das barragens e feitura de diques, assim como a preparação de refeições colectivas durante o trabalho.



Construção de diques de cintura que servem também de vias de comunicação

Ainda no eixo Barro-Ingóré, o aproveitamento dos pequenos vales interiores para a orizicultura de água doce, faz-se através da regulação e controlo da água das chuvas, especialmente com a construção de pequenas barragens de água e o aproveitamento de sistemas de drenagem que evitam que as bolanhas acumulem água em demasia e torne impossível o seu cultivo.



Aproveitamento dos pequenos vales interiores

Se durante a época das chuvas é cultivado o arroz, na época seca são a batata-doce e os legumes.

No litoral norte (eixo Sucudjaque-Djufunco) a aposta incide na orizicultura de bolanha de solos arenosos (fraca capacidade para a retenção de água) com o uso de variedades de ciclo mais curto, logo seguida, em final da época das chuvas de uma campanha complementar de batata doce e hortícolas, sendo que nas zonas mais altas de planalto, o cultivo da mandioca.



Horticultura em condições de bolanhas arenosas

2. Incremento do Ecoturismo em Cantanhez

A percepção do papel da AD no desenvolvimento do ecoturismo no Parque Nacional de Cantanhez e o tipo de actividades que se impõe à nossa organização fazer, mereceu uma profunda reflexão interna, alicerçada em iniciativas de grande impacte.

Definiram-se os tipos de turismo ecológico a incrementar, desde o **turismo ambiental** baseado na contemplação de paisagens nas 14 matas, na observação de animais (macacos, chimpanzés, elefantes e búfalos), aves (pelicanos e aves migratórias na foz do rio Cacine), passeios fluviais no rio Cacine e afluentes, itinerários pedestres ou de bicicleta de 1 a 2 horas, visita à ilha dos Pássaros, ilhéu de Melo, Ilha de Nuno Tristão ou ao Parque Natural Marinho de João Vieira e Poilão, bem como a miradouros de bebedouros de animais.



Macaco Fidalgo



Passeio fluvial



Itinerário pedestre

Também o **turismo histórico** onde se valoriza o facto de Cantanhez ter sido o *berço da nacionalidade* guineense e onde ainda estão presentes alguns vestígios luta de libertação nacional, tendo como grupo-alvo os quadros guineenses sentimentalmente ligados à história recente da Guiné-Bissau.

O **turismo da saudade** tendo como grupo-alvo os antigos militares portugueses que fizeram a guerra naquela zona, em especial em Guiledje, Gandembel, Cacine, Gadamael-Porto, Bedanda, Iemberém, Cafine, Cadique, Caboxanque, etc.



Guiledje



Gandembel



Iemberém

O **Turismo Cultural** com formas de percepção e de estar da vida das diferentes etnias locais (nalús, tandas, balantas, fulas, djacancas, sossos), danças e música de cada uma das etnias, história e estórias, lendas, religiões e crenças, modos de vida, formas de vestir, instrumentos de trabalho (agricultura e colecta) e organização social das tabancas e regulados



Dança tanda



Lavoura balanta



Régulo de Medjo

O **“Turismo” Científico** com a procura do conhecimento da geografia física, do estudo dos diferentes biótipos da região (bolanhas, florestas, palmar, mangal), identificação da exploração da fauna e flora pelo homem (alimentos, construção, medicamentos, energia, canoas) e dinâmicas da fauna (chimpanzés e babuínos) e flora



Para que o ecoturismo tenha uma verdadeira apropriação comunitária, definiram-se as seguintes regras de ouro:

» o **maior número possível de tabancas** devem sentir-se envolvidas no processo, beneficiando, por pouco que seja, das actividades promovidas. Isto evitará a tendência natural para a auto-exclusão e rejeição das que não forem incluídas.

» **envolver todos os grupos sociais e etários** (horticultoras, pescadores, fruticultores, jovens, mulheres, adultos, etc.), procurando responder ao que verdadeiramente os interessa e são as suas prioridades.

» ter a consciência clara de que **“ninguém luta pelas ideias que estão na cabeça dos outros”**, mas só naquilo em que acredita. Daí que os promotores do ecoturismo devam sempre fazer o exercício de se colocarem no lugar da comunidade para cada iniciativa que pretendam implementar e nunca impor a sua agenda de prioridades.

» a preservação e boa gestão dos recursos naturais tem de andar a par com a melhoria real (e sempre que possível rápida) das **condições de vida e trabalho** das comunidades.

» não se esquecer que o ambiente, cultura, associativismo, pesca, agricultura, desporto, etc. são **actividades interdependentes** no dia a dia das populações locais e querer resumir tudo a uma delas é o primeiro passo para o insucesso do programa.



Régulos de Cantanhez



Dança tradicional



Corredor de Balana

Em 2007 desenvolveram-se actividades com *jovens*, enquanto artesãos, guias ecoturísticos e guardas comunitários, com *mulheres*, nos domínios de restauração, alojamento, artesanato, compotas, tinturaria de panos, horticultura e extracção de óleo de palma, assim como com os homens na produção frutícola e de venda de plantas medicinais.



Guardas comunitários



Restauração



Pomares

Com as *tabancas* apoiou-se a construção de Escolas de Verificação Ambiental (EVA), a instalação de meios de comunicação comunitária (Rádio e Televisão), poços e a introdução de moageiras de farinha de mandioca e prensas de óleo.



EVA de Madina leberem



Moageira de mandioca

O desafios de curto prazo que se apresentam ao ecoturismo são o de,

» promover uma **imagem da Guiné-Bissau** enquanto país de história, cultura e pioneira em certos processos de gestão ambiental, capaz de mobilizar turistas preocupados com valores nobres e progressistas.

» desenvolver uma **visão que não seja geograficamente restrita**, isto é, que não tome apenas Cantanhez como única área de intervenção. O ecoturismo só será viável se incluir de forma coerente e em conjunto outras

zonas: Parque Marinho de João Vieira e Poilão, Ilhas de Melo e Tristão, Dulombi, Saltinho, Parque transfronteiriço de Guiledje-Boé e Xitole (macaréu).

» encontrar para cada tabanca, pelo menos **um motivo** de oferta turística capaz de fazer deslocar os potenciais ecoturistas mobilizando simultaneamente o interesse da comunidade.

» criar uma **cultura de exigência** em termos de higiene e remoção-tratamento de lixo.

» favorecer a identificação e formação de **operadores e trabalhadores turísticos locais**, tais como gerentes de unidades de alojamento e restauração, empregados de mesa, de bar e de quartos.

» ir encontrando formas e **soluções que sintonizem uma boa gestão** dos recursos ambientais com as necessidades pressionantes das comunidades.



Bembas em Cafine



Processamento de caju



Turistas

3. Inauguração da Televisão Comunitária Massar

Depois do grande impacto conseguido com as rádios comunitárias que vieram revolucionar o panorama da comunicação social guineense, a implantação das televisões comunitárias em Quelélé, S.Domingos e em Novembro de 2007 em leberém, é um marco notável da vida da nossa ONG.

A Televisão Comunitária de Cantanhez, TVMassar, que na língua nalú quer dizer *tv estrela*, representa um passo significativo em frente em relação às duas anteriores, a TVKlélé e a TVBagunda, uma vez que as suas emissões se processam através de ondas hertzianas, na frequência de 210 mhz da banda ii.

Tem como objectivo a emissão de programas de agricultura, telescola, formação profissional, alfabetização, cultura tradicional, história, ambiente e ecoturismo, promovendo o acesso directo da população a um órgão de comunicação, resgatando valores culturais das diferentes etnias, permitindo o conhecimento de informações e programas relevantes de desenvolvimento local, enfim contribuindo para o assumir de uma cidadania efectiva e consequente por parte da população e das organizações locais. Através dela serão difundidos programas de formação de jovens poceiros, técnicos de energia solar, carpinteiros, pedreiros e outras profissões o que permitirá reduzir o êxodo rural que está a desertificar o interior do país, assim como promover a conservação da natural do Parque Nacional de Cantanhez. Pensa-se igualmente utilizar esta televisão para a reciclagem dos professores das escolas oficiais e comunitárias nos domínios da matemática e do português, disciplinas identificadas como as de maior necessidade.

Paralelamente, a divulgação de programas agrícolas com vista à melhoria das técnicas de cultura das principais produções (fruteiras, legumes, raízes, tubérculos e leguminosas), da sua protecção vegetal natural, do uso de fertilizantes orgânicos, da introdução de novas espécies de interesse económico e nutritivo e de técnicas de conservação e transformação em compotas, farinhas, óleos, etc. será um dos desafios desta televisão. A *TV Massar* enquanto televisão sem fins lucrativos, de promoção da cultura local e do desenvolvimento, gerida por jovens da comunidade, é uma iniciativa pioneira no continente africano, o que representa para todos quantos se abalçaram nesta inovação uma responsabilidade que ultrapassa a sua área de cobertura para se situar a um nível nacional e africano.

Numa fase inicial as suas emissões duram cerca de 2 horas diárias, com um único programa por semana que será repetido nos restantes dias da semana. À medida que forem surgindo nas diferentes tabancas do sector, mais recursos humanos capacitados, o número de programas semanais irá aumentando. Prevê-se a redifusão em directo do Telejornal das 21horas da Televisão Nacional da Guiné-Bissau para permitir a toda a população ter acesso às notícias de âmbito nacional e internacional.



Inauguração



Instalações da TVM

A *TV Massar* funciona com um Comité de Gestão constituído por 10 representantes da comunidade, sendo os 4 régulos, 4 das associações locais mais activas e 2 das ONG que, intervindo nesta zona, se mostrem interessadas e activas no funcionamento deste meio de comunicação. Este Comité escolhe uma Direcção Técnica de 4 elementos. A construção das suas instalações foi protagonizada pela associação AJAI, a qual mobilizou mão-de-obra da comunidade local, fabrico de adobes e colecta de inertes.



Formação de quadros



Operadora de Câmara

A formação dos quadros e técnicos da *TV Massar*, todos eles filhos de Cantanhez, contribui para fazer cair uma ideia antiga de que a produção de programas e o funcionamento de uma televisão só podia ser obra de especialistas e requeria verbas avultadas. Afinal, esta tecnologia moderna está ao alcance das comunidades e pode representar um poderoso instrumento para a sua afirmação local e nacional.

C

Os Programas Regionais da AD

Em 2007, a AD regressou ao seu “formato” original desenvolvendo programas nas suas 3 zonas de intervenção, sendo duas rurais (Cubucaré-Quitafine) e (S.Domingos-Bigene) e uma urbana (bairro de Quelele).

1 - Programa de Apoio aos Agrupamentos do Norte (PAN)

As acções mais importantes neste ano foram as seguintes:

a) Conhecimento dos Circuitos Comerciais

O incremento da produção agrícola tanto a comercial como a destinada ao autoconsumo, impõe a existência de uma rede comercial de mercados que equilibrem a procura local de alimentos e dinamizem a venda exterior dos excedentes. A importância dos circuitos comerciais é tanto maior quanto próxima dos países vizinhos, potenciais compradores de todos os produtos agrícolas que lhes faltam. O Senegal e a Gambia estão neste caso, se tivermos em conta as suas condições edafoclimáticas que as fazem aproximar-se muito do deserto.

Em 2007, um trabalho dirigido por Ba Mody, aprofundou o conhecimento dos mercados locais, do volume de negócios, do tipo de procura senegalesa, da importância do mercado subregional de Djaobé, no Senegal, assim como os constrangimentos à comercialização nos sectores de S.Domingos e Bigene.

Foram estudados os *lumus* de Bigene, com um numero médio de actores de 800 pessoas durante a época seca, contra 350 na época das chuvas; o *lumu* de Ingoré varia de 300 a 500, enquanto o de Sedengal de 600 a 400. O *lumu* de S.Domingos é o maior de todos com uma média de 3.000 pessoas. Para se ter uma ideia do volume médio dos negócios realizados num dia nestes *lumus* por um retalhista ele situa-se entre 2.000 a 4.000 Cfa em produtos agrícolas alimentares (arroz, milho, feijão, batata-doce), 4.000 a 8.000 Cfa em géneros alimentícios (açúcar, óleo, sal) e 10.000 a 30.000 Cfa em produtos manufacturados (tecidos, utensílios). Como a maioria das retalhistas vendem produtos agrícolas, com fraco volume de negócios, as margens de lucro são muito pequenas, situando-se à volta de 500 a 1.000 Cfa por dia.

Assiste-se a uma forte procura senegalesa de produtos brutos guineenses, praticando preços compensadores, mas dominando eles todos os circuitos comerciais (operadores, transporte, clientes e conivências aduaneiras, fiscais e policiais). Por vezes, como em Varela, essencialmente um mercado de peixe, são maioritariamente os pescadores senegaleses, cerca de 150 para 50 canoas diárias, que dominam a actividade, abastecendo de peixe fresco a zona turística de Cap Skiring. O fluxo de produtos para o Senegal comporta dois circuitos: um que vai do local de produção directamente para o Senegal, caso do peixe fresco e fumado, e outro circuito que passa por S.Domingos (óleo de palma, vinho de palma, frutos silvestres, vassouras) sendo que este último constitui o principal motor de transacções do sector.

Já o fluxo de produtos do sector de S.Domingos para Bissau e Bula, centra-se no mango fora-de-estação (Setembro-Outubro), carvão, sal e peixe fumado, muito menos intenso que para o Senegal, uma vez que os preços praticados naqueles mercados são menos atraentes e a distância é muito maior, tanto mais que tem uma jangada de funcionamento imprevisível.

Já no sentido inverso, os produtos provenientes do Senegal, Gambia e Guiné-Conakry são manufacturados, registando-se uma excepção em relação ao mercado grossista de Bigene que recebe uma média semanal de 50 porcos. Outro produto que vem de fora é o sal. De registar que os *lumus* do lado da Guiné-Bissau são generalistas, embora o de Cassolol se especialize mais em vinho de palma e o de Bigene em porcos.

Se tivermos em conta os produtos agrícolas e florestais, o cenário apresenta-se da seguinte forma:

» **óleo de palma:** é começado a vender de Outubro a Fevereiro, época baixa, com volumes variando entre os 5.000 e os 7.000 litros mensais. Entre Março e Julho o valor situa-se nos 15.000 litros por mês.

» **fole:** entre Julho e Setembro a oferta situa-se entre as 150 e 225 toneladas mensais.

» **vinho de palma:** entre Agosto e Novembro, época alta, a média mensal de exportação para o Senegal é de 50.000 litros.

» **cabaceira:** é um produto de fraca oferta em que, de Dezembro a Fevereiro, a oferta se situa entre as 2,5 a 5 toneladas por mês.

» **vassouras:** não se tendo conseguido registar a quantidade exportada, ela incide sobretudo nos meses de Outubro a Junho.

O incremento da produção agrícola nesta zona fronteiriça passa pela:

» criação de infraestruturas de comercialização (tradicional e modernas), tais como os *lumus* que a AD vem promovendo em Elia, Cassolol e Suzana, assim como os mercados comunitários de Ingoré (concluído em 2007) e S.Domingos (previsto para o final de 2008).



Mercado comunitário de Ingoré



Lumu de Suzana

» maior integração no mercado subregional de Diaobé, no Senegal, maior entroncamento comercial da costa ocidental africana.

» limitação dos constrangimentos à comercialização nestes dois sectores geográficos, em especial na luta contra a falta de cultura comercial e de estratégia de comercialização, a fraca capacidade de produção e consequente dificuldade em controlar a oferta, no desencravamento dos *lumus*, nos abusos de que os comerciantes são vítimas pelas taxações dos serviços florestais guineenses e senegaleses.

b) Dinamização da Produção Agrícola

Várias actividades foram incrementadas durante este ano, sendo de realçar:

» o programa de reaproveitamento das ***bolanhas salgadas*** do sector de Bigene, que haviam sido abandonadas há muitos anos atrás, tendo sido beneficiadas 8 tabancas que irão permitir dentro de poucos anos a cultura de arroz numa área estimada em cerca de 1.000 ha.

» perto de Barro foram apoiadas acções em 3 tabancas para a melhoria da gestão de água em ***bolanhas*** de “bas-fonds” representando uma área de 80 ha para a produção imediata de arroz.

» foram distribuídas 7 toneladas de ***sementes*** de arroz das variedades Cablak e Banimalu, impondo-se urgentemente a criação de uma rede local de agricultores-multiplicadores de semente para assegurar uma maior segurança local de produção. Acresce o fornecimento de 100 Kg de feijão *mancanha*, na forma de minikits, e de estacas de mandioca a 19 tabancas.

» apoiaram-se 42 tabancas (30 em Bigene e 12 em S.Domingos) para a produção ***hortícola*** e ***fruticultores*** de 10 tabancas, com sementes, propágulos e pequeno material hortícola e frutícola.

» foram instaladas 2 descascadoras de arroz, uma moageira de milho, 23 prensas de óleo de palma, 10 carroças de tracção animal.

c) Outras Actividades

» construção de 3 ***Escolas*** de Verificação Ambiental (EVA) em Nhambalan, Djufunco e Elala.

» 11 ***poços*** de água em outras tantas tabancas do sector de Bigene.

» alargamento das instalações de carpintaria do ***Centro de Formação Rural*** de S.Domingos (CENFOR) e reforço dos programas de formação profissionalizante (serralharia, carpintaria e informática) e comunitária (descascadoras de arroz, fabrico de sabão, tinturaria)

» construção do edifício da ***Rádio*** Comunitária Balafon de Ingoré, com afectação de melhores meios de trabalho, cuja conclusão está prevista para o final do primeiro trimestre de 2008.

» apoio à equipa médica de ***oftalmologia*** da Ong ANAWIN que em Setembro realizou numerosas operações às cataratas e tracomas.

» dinamização da ***assistência médica*** ao Centro Materno-Infantil de Djufunco, assegurada pela colaboração voluntária da equipa médica cubana sediada em S.Domingos.

» apoio à Associação dos ***Afilhados de Elx*** e à sua ludoteca

» assistência para a elaboração dos estatutos e legalização da ***Rádio Kasumai***.



EVA de Djufunco



Carpintaria do CENFOR



EVA de Nhambalan

2 – Desenvolvimento Urbano de Quelele

As acções mais importantes em 2007 no bairro de Quelele centraram-se na Escola de Artes e Ofícios sendo de assinalar:

3.1. Melhoria de funcionamento dos cursos: adequação de planos curriculares e dos sistemas de avaliação

a) Educadores de Infância: foram introduzidas 2 novas disciplinas (linguagem e iniciação à Matemática), com o objectivo de facilitar a identificação e selecção de jogos e materiais para melhorar o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças. Foi implementado um sistema de estágio organizado e acompanhado, com a duração de 160 horas repartido em 2 meses, destinado a promover o contacto com os potenciais empregadores, alargar possibilidades de emprego e atribuir uma ligação entre as vertentes teórico-práticas do curso.

b) Electrónica: na disciplina de gestão de pequenos negócios, foram introduzidas as componentes de “técnicas de elaboração de orçamentos” e “apresentação de um diagnóstico de avaria”. Alterou-se o sistema avaliativo com o objectivo de valorizar os trabalhos práticos realizados em laboratório, assim como os testes escritos passaram a ter um peso de 70% na avaliação, contra os 100% dos anos anteriores. Introduziu-se um sistema de estágio com a empresa Areeba, tendo estagiado 5 formandos dos quais 1 conseguiu emprego.

3.2. Contribuição da EAO na melhoria de funcionamento de outras Instituições

A Escola Popular Aruna Embalo, pela primeira vez, introduziu no seu sistema educativo o nível de educação pré-escolar, contando com a participação de 5 formandas da EAO na área de educadoras de infância, apoiando ainda no programa de educação infantil.

3.3. Cursos realizados

a) Cursos Profissionalizantes

» **Electrónica:** foram organizados 2 cursos (de 30 alunos cada, todos do sexo masculino). Registou-se uma redução da taxa de desistência de 55% para 39% entre 2006 e 2007, a que correspondeu um aumento do número de finalistas de 13 para 20 alunos (45% e 61% respectivamente).

» **Auxiliares de Educadores de Infância:** foi organizado 1 curso de 3 turmas com 69 formandas, todas do sexo feminino, tendo desistido apenas 3, equivalente a 6%. O novo formato do curso, com mais aulas práticas do que teóricas e um sistema de estágios acompanhados, permitiu a redução de desistências em 10% de 2006 para 2007.

» **Instalações Eléctricas:** iniciaram-se cursos em novos moldes e novo formato. Se anteriormente os cursos comportavam 340 horas repartidas em 5 meses, agora passaram a ser ministrados em 3,5 meses com uma carga horária de 134 horas. Os materiais e equipamentos para as aulas práticas foram alterados e adaptados, isto é, cada aluno passou a ter uma bancada individual ao invés de bancadas e quadros colectivos. Foram organizados 3 cursos, dos quais 2 já terminaram, tendo-se inscrito 27 alunos todos do sexo masculino e chegado ao fim, devido a viagem ao estrangeiro.



Laboratório electricidade



Curso de painéis solares

» **Informática:** os cursos passaram de 4 em 2006 para 4,5 em 2007, tendo havido um acréscimo de 11% de alunos inscritos, isto é passaram de 488 em 2006 para 495 alunos, sendo 275 rapazes e 220 raparigas. Concluíram os cursos este ano 84% dos inscritos contra 95% em 2006, sendo que as razões apontadas estão a falta de pagamento, deslocações e viagens para o exterior e oportunidades de emprego entretanto surgidas. Para 2008 vai-se implementar o sistema de pagamento único logo na inscrição.

» **Painéis Solares:** em colaboração com o CENFOR, realizaram-se 2 cursos de instalação e reparação de painéis solares, com o objectivo de dispor de técnicos qualificados que garantam a difusão deste tipo de energia alternativa. Foram formados 11 técnicos.

b) Cursos Comunitários: foram realizados 2 cursos de tinturaria para 18 jovens raparigas, com a duração de 45 horas (1 mês e meio).



3.4. Construção da Escola de Artes Domésticas e Hotelaria

Em Dezembro de 2007, foi iniciado o processo de legalização do terreno junto da EAO e construção da nova Escola de Artes Domésticas e Hotelaria, destinada a formar jovens quadros capazes de se integrarem no processo de crescimento do turismo na Guiné-Bissau e satisfazer as ambições de outros de melhoria da qualidade de vida familiar.

3 - Programa Integrado de Cubucaré (PIC)

As acções mais importantes neste ano foram as seguintes:

a) Preparação do Simpósio Internacional de Guiledje

A organização deste Simpósio teve início dois anos antes da sua efectivação, factor determinante para que a sua preparação tenha sido preparada em todos os seus pormenores e detalhes. Ocupou a preocupação central de todos os quadros do PIC que fizeram um excelente trabalho logístico para a recepção aos participantes, de animação e enquadramento dos diversos grupos locais e comunidades que se envolveram nos programas de reabilitação dos antigos quartéis de Guiledje e Gandembel, na preparação dos programas culturais e na finalização da construção das infraestruturas de acolhimento.

Por outro lado, um trabalho lento e gradual de sensibilização de todos os participantes do exterior, portugueses, cubanos, caboverdianos e de outros países europeus, foi desenvolvido, levando especialmente os antigos militares portugueses que estiveram na Guiné e intelectuais e professores universitários a irem-se interessando cada vez mais pelo Simpósio e a considerarem-no como também seu. O site de Guiledje gerido pela AD foi um momento alto dessa comunicação com os participantes, sendo de realçar a participação notável e determinante do Blogue “Luís Graça e os Camaradas da Guiné”, que promoveu o Simpósio como ninguém, chegando ao ponto de se antecipar ao site de Guiledje na publicação de informações frescas. Igualmente a participação activa da Fundação Mário Soares, através do Arquivo Amílcar Cabral, foi decisiva para a qualidade do conteúdo do evento.

Curiosamente que foi a nível interno, de Bissau, que o envolvimento dos participantes teve flutuações mais significativas, assistindo-se a uma adesão espontânea e interessada, logo de início dos intelectuais e quadros técnicos guineenses, seguido mais tarde pelos combatentes da liberdade da pátria e só por último das autoridades governativas.

Em termos de financiadores há a destacar o apoio da União Europeia, do Governos português e guineense e do IMVF, obtidos atempadamente e que quase cobriram o orçamento estimado. De notar o envolvimento activo do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau que foi assegurando apoios fundamentais para o bom sucesso deste encontro.

Um dos pontos mais altos dos preparativos do Simpósio foi o do registo em DVD dos testemunhos dos combatentes guineenses, dos comandantes caboverdianos que participaram em Guiledje e as dos militares portugueses que contribuíram com uma significativa entrega de documentos históricos pessoais e de instituições oficiais. Durante este período foi-se conseguindo obter um arquivo de qualidade que irá enriquecer o futuro Museu de Guiledje com fotografias, filmes de 8mm, objectos de recordações e livros de unidade.

b) Dinamização agrícola

Em 2007 foram dinamizadas as seguintes acções de apoio aos pequenos agricultores dos sectores de Cubucaré e de Quitafine:

» apoiaram-se 7 tabancas para a reabilitação de ***bolanhas salgadas*** abandonadas ou destruídas pela força das marés e subida do nível médio das águas do mar, através do fornecimento de tubos de drenagem e reconstrução de diques atingidos, o que representa o aproveitamento de cerca de 500 ha potenciais para a cultura do arroz.



Dreno de gestão de água

» 8 tabancas beneficiaram de apoio para o aproveitamento dos ***pequenos vales*** interiores para a cultura de arroz na época das chuvas e de batata-doce e legumes na época seca.

» para a ***diversificação*** de culturas foram distribuídas sementes de feijão *mancanha* (168 kg) e propágulos de batata-doce e mandioca.



Campo de batata-doce



Campo de mandioca

» foram distribuídos 40 kg de sementes de ***legumes*** diversificados a 28 tabancas de ambos os sectores.

» apoiaram-se agrupamentos e ***fruticultores*** na criação de 10 viveiros de espécies frutícolas, fornecendo-se apoio técnico e pequeno material de trabalho (catanas, enxadas, sachos e pás)

» introduziram-se 2 descascadoras de arroz, 2 unidades de fabrico de farinha de mandioca, com um sucesso extraordinário, 10 prensas de óleo de palma e 2 unidades manuais para farinha peixe.

c) Outras actividades

» concluiu-se a construção das Escolas de Verificação Ambiental de Sintchur Caramba e de Cafine.

» construiu-se e inaugurou-se o *lumu* de Gandembel que teve um começo excelente na troca de mercadorias com a Guiné-Conakry, mas que foi decaindo ao longo do ano fruto da instabilidade política registada naquele país.

» apoiaram-se duas mulheres na construção de 2 casas de restauração, uma em Faro Sadjuma e outra no porto de Canamina, para servirem refeições aos turistas

» avançou-se bastante na construção dos 3 bungalows na área turística de leMBERÉM.



D

PARCEIROS DA AD

Embora o ano de 2007 tenha registado um aumento do volume financeiro de apoio aos projectos da AD, interessa lançar para discussão alguns sinais de mudança que se poderão vir a reflectir com muita preocupação a médio prazo no relacionamento entre a nossa organização e alguns dos nossos parceiros.

A primeira e mais importante refere-se à mudança gradual de atitude de algumas ONG parceiras da AD desde a primeira hora e que parecem abandonar a antiga cumplicidade existente entre nós na defesa de políticas progressistas de luta das populações mais excluídas, no combate político por uma sociedade mais justa, progressiva e solidária, para se deslumbrarem e deixar seduzir pelos modelos de organização e prioridades administrativo-financeiras de tipo neo-liberal. Se anteriormente o acompanhamento da execução dos projectos tinha obrigatoriamente por pano de fundo as opções políticas, os métodos de responsabilização das comunidades e a criação de dinâmicas inovadoras, agora, esta reflexão deu lugar a exigências mais ou menos explícitas para o funcionamento burocrático das nossas ONG serem feitas à imagem e semelhança das deles, sempre consideradas como modelos exemplares e de reprodução local necessária.

Tem-se a ideia de que certas ONG do norte se perderam no caminho, deixaram de crer nas suas vocações e *docilizaram-se* perante as suas fontes de financiamento, assumindo um mero papel de executores, *bons e baratos*, das suas políticas governamentais. Para digerir o purgante, algumas passam anos a reestruturam-se em termos de finalidades e formas organizativas, alimentando o espírito com supostos desafios novos em que os seus funcionários não se revêem e até por vezes nem percebem. Acabamos por ter a sensação que, para essas ONG, o que é preciso é que as nossas organizações funcionem administrativamente *bem*, produzam relatórios atempados que eles acabam por não ler (várias vezes o pudemos constatar), cumpram os preceitos internacionais da boa contabilidade, em vez de privilegiar as acções nas tabancas e a obtenção de resultados mobilizadores para outras comunidades. O voluntarismo e a entrega ao trabalho não devem ser confundidas com amadorismo, falta de rigor e irresponsabilidade.

Fica-se sem saber quem afinal está a ver o filme ao contrário. Eles ou nós?

Outra das preocupações a ter em conta e assinaladas em relatórios anteriores, é o do perigo de concentrar as nossas parcerias num só ou num número muito reduzido de organizações financiadoras. As múltiplas parcerias embora tenham o inconveniente de exigirem muito mais trabalho da AD (relatórios, notas verbais, respostas a questões) garantem uma autonomia de discussão e decisão em relação às nossas opções e escolhas. Não é independente quem quer, mas sim quem pode. Por isso impõe-se que a AD procure noutros azimutes novas parcerias que a façam conservar a capacidade de execução dos programas que ela própria definiu e não as que outros julgam, pela lei do dinheiro, deverem ser as nossas.

Finalmente, interessa à AD empenhar-se mais na vida da PLACON-GB, a atravessar um dos períodos mais delicados da sua existência a necessitar de rever funções, formas de representatividade, procedimentos e compromissos políticos.

A Placon-gb deve promover a cooperação e solidariedade entre as ONG e não comportar-se também ela como uma ONG, apoiando umas e penalizando outras. Deve ser o rosto das posições de luta pela unidade nacional e desenvolvimento, combatendo de forma firme e intransigente a corrupção, o narco-tráfico e o tribalismo, pautando as suas posições pelos interesses exclusivos das comunidades locais e não das dos partidos políticos e promovendo a democracia, justiça social e desenvolvimento solidário, nunca se esquecendo que quem reclama a democracia aos outros deve praticá-la primeiramente em casa.

Segundo os países, a situação das parcerias da AD em 2007 apresentaram-se da seguinte forma:

a) *HOLANDA*

A **ICCO** iniciou um processo de descentralização, devendo criar uma delegação na África Ocidental que ninguém sabe como funcionará na prática e que será ela no futuro a aprovar os projectos. Custa-nos a compreender como é que uma comissão constituída por 9 elementos provenientes de outros tantos países que dominam o francês e o inglês e só 1 o português, poderão avaliar a pertinência e interesse de projectos apresentados por ONG guineenses. Parece ser a fórmula mais inteligente de excluir a Guiné-Bissau de futuras parcerias, isto para quem já tanto tentou por outras formas *sair* do nosso país. O projecto de 3 anos, no valor de **360.000 euros** concluir-se-á no final de 2008 não se sabendo quais os mecanismos a accionar para a sua continuidade.

Com a **NOVIB** Iniciou-se em Abril deste ano um projecto que se prolongará até Dezembro de 2009, no valor de **277.000 euros**. Trata-se de desenvolver o processo de implantação de rádios comunitárias em todo o país, a criação das primeiras televisões comunitárias e o funcionamento de uma Rede de órgãos de comunicação comunitária que promova a cooperação entre eles e a sua afirmação nacional.

b) PORTUGAL

Com o Instituto Marquês Valle Flor (IMVF) prosseguiu a parceria materializada nos seguintes projectos:



» o **Projecto Kasumai** no valor global de **775.000 euros**, concluiu-se em Abril de 2007, depois de 4 anos de excelentes resultados, o que levou o Ministro dos Recursos Naturais a solicitar à Comissão Europeia, cofinanciadora desta iniciativa, a continuação do apoio a este tipo de actividades. Contou com a parceria da ACEP.

» o **Projecto Unam**, financiado pela União Europeia por 4 anos, atingiu o seu meio-percurso no final deste ano. Orçado no valor de **748.618 euros**, o seu final será em Dezembro de 2009. As acções centram-se à volta do ecoturismo e da infraestruturização de apoio a este programa que está a ter muito impacto nas comunidades locais e inclui iniciativas nas áreas da agricultura, comercialização, saúde e ensino ambiental.

» o **Projecto Konkobai** cofinanciado pela União Europeia no quadro dos programas de segurança alimentar, no valor de **496.918 euros**, vai entrar no seu último ano de intervenção (Dezembro de 2008). O maior sucesso foi o da recuperação de bolanhas salgadas na zona de Barro, a distribuição de sementes e pequeno material agrícola, a introdução de carroças de burro, descascadoras de arroz, prensas de óleo e construção de poços.

» o **Projecto Woncame** cofinanciado pela União Europeia no quadro dos programas de segurança alimentar para Cubucaré e Quitafine, no valor de **547.439 euros**, tem a duração de 3 anos e começou em Janeiro de 2007. O reaproveitamento das bolanhas salgadas, o uso dos *bas-fonds* para a produção alimentar diversificada e a introdução de unidades de produção de farinha de mandioca foram os aspectos mais marcantes.

» a nossa ONG vai colaborar em 2008 com os projectos apoiados à COAJQ em Cacheu e à capacitação de ONG nacionais, geridos pelo IMVF.

O Ministério do Trabalho e Segurança Social (MTSS) prosseguiu o apoio à Escola de Artes e Ofícios de Quelele, no domínio da criação de um Curso de Artes Domésticas e Hotelaria (**63.000 euros**), concluiu-se em 2007 o programa de formação de auxiliares de educadoras de infância (**17.000 euros**) e do observatório de emprego e apoio à inserção sócio-profissional (**12.500 euros**). A Mutualidade de Crédito de Quelele foi apoiada com um financiamento de **9.876 euros** desbloqueados em finais de 2007.



A Escola Superior de Educação de Leiria, apoiou a realização de um curso de energia solar em S.Domingos, contribuiu para a reflexão sobre os objectivos e funcionamento do futuro Centro de Aprendizagem Rural de Guiledje e apoiou o site da AD e criação do site do Simpósio de Guiledje.

Com o **CIATE** (Centro Integral de Adestramento Tecno-Electrónico), prosseguiu o apoio conceptual e de formulação dos currículos dos cursos de electricidade e electrónica, em particular a reformulação do programa e das instalações das aulas práticas do curso de electricidade.

Com a **Câmara Municipal do Montijo** decorreu uma breve cooperação através de 4 jovens que estiveram na sede do PAN durante 6 meses colaborando com o Cenfor, a Ludoteca, o jornal comunitário e a animação cultural. Este tipo de colaboração, para ter sucesso, exige que sejam atempadamente definidas os termos de referência de cada voluntário, as regras e modalidades da sua integração nas estruturas da AD, a produção de relatórios e propostas de actividades e as responsabilidades hierárquicas a observar.

A parceria iniciada com a **TESE** através do projecto ambiental de “Promoção do acesso a fontes de energia moderna na Guiné-Bissau” que visava o uso do gás em substituição da lenha e carvão, aprovado pela Comissão Europeia no valor de **1.678.974 euros** acabou por ser anulado pela AD pelas fundadas divergências com a GALP, um dos parceiros do projecto, associadas a uma falta de confiança profissional.

c) ESPANHA

O **Ayuntamiento de Elx** continuou pelo oitavo ano a sua colaboração a nível de S.Domingos, tendo em 2007 sido recebidos **6.200 euros** para a realização de cursos no CENFOR, para o funcionamento da Ludoteca e para o inicio do programa de alfabetização.

Com o **IEPALA** concluiu-se em Fevereiro o projecto de 3 anos, no valor de **58.974 Euros**, que se saldou por resultados muito positivos na diversificação agrícola no sector de S.Domingos. Iniciou-se com esta ONG a formulação de um projecto de criação de uma Rede das Escolas de Verificação Ambiental que poderá eventualmente ser aprovado ainda em 2008.

d) BÉLGICA

Com a **Solidarité Socialiste**, o projecto de Reforço do Movimento Associativo Rural do Norte, entrou no seu quinto e último ano (conclusão em Abril de 2008) com um financiamento para 2007 de **38.940 Euros**. A fileira óleo de palma está lançada e a metodologia para a legalização da Rádio Kasumai poderá servir de referência para as outras Rádios Comunitárias. Iniciou-se a reflexão para a elaboração de um novo projecto de 3 anos no sul do país de apoio às associações de base, em colaboração com 3 outras ONG guineenses (AIFA, ADIM e NIMBA) e integrada numa rede subregional de parcerias com outras ONG dos países vizinhos.

e) ITÁLIA

Com a Ong **AIN (Associazione Interpreti Naturalistici)** iniciou-se em 2007 a execução do projecto “ECO-GUINÉ”, no valor de **4.455 Euros**, que tem uma componente de formação de guias de ecoturismo e gestores de unidades locais de prestação de serviços, assim como a identificação de percursos naturais. A zona de intervenção é Cantanhez e Dulombi, esta última com a Ong guineense Aprodol.

f) Organizações estrangeiras sedeadas em Bissau

A parceria com o **Fundo Canadiano de Iniciativas Locais (FCIL)**, traduziu-se no financiamento da construção das novas instalações da Rádio Balafon em Ingoré, com uma contribuição de **20.837 euros**.

g) Organizações Internacionais

A **União Europeia** é o maior parceiro da AD cofinanciando grande parte dos nossos projectos e dispendo de há 2 anos a esta parte interlocutores que acompanham os projectos e que mostram uma grande disponibilidade na prestação de informações e serviços às ONG. Este ano a União Europeia cofinanciou cinco projectos: Kasumai, PISAC, Uanan, Konkobai e a Doação Global com o IEPALA.

A **UICN** tem continuado a desempenhar um papel notável nas pontes que proporciona com outras instituições nacionais e estrangeiras, governo, ONG, institutos, financiadores e agencias ambientais, o que facilita e desbloqueia grande numero de casos que ocorrem nas nossas zonas de intervenção e propicia à AD uma melhor procura de financiamentos para projectos de desenvolvimento-ambiente.

O **PAM** foi um parceiro activo e pontual no apoio aos projectos de “comida contra trabalho” em especial no aproveitamento dos pequenos vales interiores do sector de Cubucaré para a produção de batata-doce-, mandioca e feijão mancanha e na recuperação de bolanhas para a orizicultura.

h) Individualidades

Para a nossa ONG a colaboração voluntária de pessoas que o fazem a título individual, tem um profundo significado solidário que inculca em todos quantos trabalham na AD valores de referência e comportamento.

Este ano gostaríamos de destacar:

» o sociólogo **Luís Graça**, coordenador do Blogue “Luís Graça e Camaradas da Guiné” que tem trazido para o seio da AD muitos camaradas que para além de se interessarem pela recuperação da memória histórica antes da independência, se propõem colaborar com as iniciativas de hoje. O seu envolvimento na promoção do Simpósio de Guiledje é decisivo para o seu êxito.

» O professor belga **Hubert Lelotte**, grande entusiasta do ensino ambiental e que está na origem das Escolas de Verificação Ambiental e das Reservas Educativas prosseguiu o seu apoio à AD numa segunda formação dos guias ecoturísticos de Cantanhez e produzindo o jornal mensal de ligação entre ele e os guias, intitulado “Partilha” e do qual foram publicados até Dezembro de 2007, 39 números.

» Os **médicos cubanos** sedeados em S.Domingos, Doutores Alexandro e José, deram uma contribuição notável no Centro Materno-Infantil de Djufunco, consultando para além das mulheres grávidas cerca de 350 doentes por mês, emprestando a sua competência e dedicação para a melhoria das condições de saúde numa zona do país que nunca tinha tido acesso a um médico.



» o realizador **Adrezej Kowalski**, pioneiro das televisões comunitárias na Guiné-Bissau (TVK e TVB), formou jovens do sul do país para dominarem as técnicas de filmagem e montagem dos programas da primeira televisão comunitária africana que começou a emitir através de ondas hertzianas em Novembro de 2007.

» o jornalista **Assimo Balde** contribuiu igualmente para que a TVMassar de leberém fosse uma realidade, formando os jovens jornalistas nas técnicas de preparação de notícias, condução de entrevistas e direcção de debates.

» o historiador **Leopoldo Amado** colaborou de forma marcante na concepção temática do Simpósio Internacional de Guiledje, contribuindo para a sua qualidade e impacto académico.

» como sempre o professor **Filipe Santos**, da Escola Superior de Leiria, mantém uma colaboração no site da AD e na criação do site de Guiledje.

Para todos eles, a certeza que a AD os tem como referência moral e bebe no seu exemplo para encontrar a coragem e capacidade de ir em frente.

Bissau, Junho de 2008